

livros

**A LUTA DE CLASSES:
UMA HISTÓRIA POLÍTICA E FILOSÓFICA**

Domenico Losurdo, Boitempo Editorial



A luta de classes acabou? É ela somente o conflito que se verifica na fábrica entre operário e capitalista? Eis algumas reflexões a que nos convida a obra do filósofo italiano Domenico Losurdo.

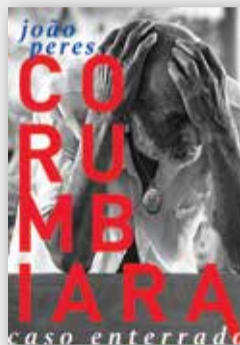
Munido de um materialismo histórico que reconhece suas raízes em Hegel e sem abdicar da herança deixada não só por Marx e Engels, mas também aquela de grandes teóricos e revolucionários marxistas, a obra de Losurdo, em doze capítulos de apurado senso crítico, abre-se a um rigoroso debate com importantes expoentes do pensamento filosófico de ontem e de hoje. Percurso, aliás, no qual o leitor é levado a encontrar curiosas afinidades. Jürgen Habermas e Hannah Arendt esposaram o ocaso da luta de classes já sob o capitalismo, o primeiro fazendo ver as conquistas do *Welfare State*, a segunda sustentando de modo miraculoso e unilateral a função redentora da tecnologia. Mas não teriam sido os liberais Alexis de Tocqueville e J. S. Mill, ainda no século XIX, a lançar a ideia da dissipação das classes por obra do progresso europeu? Para o autor, mais sólidas são as conclusões do *Manifesto comunista*: a sociedade burguesa não aboliu as classes, apenas "estabeleceu novas condições de opressão" (p.73).

E é a Marx que a obra nos faz voltar para demonstrar que a luta de classes, mais que esvaecida, deve ser declinada no plural. Assim, não faria sentido a oposição entre emancipação e reconhecimento, cara à tese da primazia hodierna da luta feminista, dos afrodescendentes. E nesse quadro plural emerge também a luta nacional, até mesmo em sua dimensão diplomática ou geopolítica. Parte-se das referências de Marx às lutas de independência da Irlanda, do Lenin que se debruça sobre o problema do imperialismo, da Argélia que interessou a Fanon, da China de Mao e Deng. Uma discussão, de fato, essencial ao Brasil de hoje, envolto em acerbadas lutas de rua, mas também em um ciclo de reconhecimento de direitos e ainda em uma nova configuração geopolítica mundial.

[Marcos Aurélio da Silva] Professor da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

CORUMBIARA, CASO ENTERRADO

João Peres, Editora Elefante



Por que uma história tão importante foi pobremente contada? E por que, depois de tanto tempo, ainda precisa ser narrada? Essas são duas das questões centrais de *Corumbiara, caso enterrado*, lançado pela Editora Elefante. Por incrível que pareça, um dos méritos da obra é sistematizar informações sobre um episódio que resultou em doze mortes, segundo os dados oficiais. Havia uns poucos trabalhos acadêmicos a respeito dos fatos ocorridos há vinte anos em Rondônia, mas nenhum livro-reportagem. Uma lacuna do jornalismo brasileiro é parcialmente preenchida, mas certamente não está esgotada.

Dezenas de entrevistas – pouco mais de setenta, segundo o autor – oferecem um panorama dos fatos desenrolados entre julho e agosto de 1995 na fazenda Santa Elina, em Corumbiara, no sul rondoniense. Uma história que começa, de fato, durante a ditadura, que entrega a uma dezena de mãos privadas as melhores terras da região. Ocorre que o regime havia escolhido para a Amazônia também o papel de escoadouro da pobreza que incomodava nos grandes centros urbanos. O encontro entre sem-terra e latifundiários numa área de baixa presença estatal tinha um desfecho de fácil previsão. Primeiro grande conflito agrário pós-ditadura, o caso expõe as fragilidades de uma democracia atada ao poder privado.

O livro passa do geral aos detalhes ao contar como, em 14 de julho de 1995, centenas de famílias começaram a ocupar a Santa Elina, uma propriedade de 18 mil hectares de pura fertilidade. Desse dia até 8 de agosto, a tensão entre sem-terra, pistoleiros e policiais só fez crescer, até que desembocou em tragédia. Nesse ponto, *Corumbiara, caso enterrado* dá seu salto de honestidade ao procurar oferecer ao leitor elementos para definir se o que ocorreu foi um massacre, um combate, uma chacina. Essa decisão não resulta numa narrativa pseudoimparcial, como aquelas que nos cruzam a tela do computador várias vezes ao dia. É, mais que nada, um convite que o autor se faz, e estende aos leitores, para se desvencilhar de preconceitos e tentar entender a complexidade das relações humanas para além dos rótulos.

[Tadeu Breda] Jornalista e autor de *O Equador é verde: Rafael Correa e os paradigmas do desenvolvimento* (Editora Elefante, 2011).

internet

NOVAS NARRATIVAS DA WEB

Alguns sites e projetos interativos com os formatos e conteúdos mais interessantes da web.

**MORTOS DA SEGUNDA
GUERRA MUNDIAL**

Este documentário interativo examina o custo humano da Segunda Guerra Mundial e o declínio de mortos em guerras desde então. Trata-se de um jornalismo feito sobre bases de dados, numa narrativa de quinze minutos que se utiliza das técnicas do *storytelling*. Apesar da linearidade, é possível pausar e interagir com as infografias durante alguns momentos para investigar melhor os números apresentados. Escrito, dirigido, programado e narrado por Neil Halloran, que criou em 2001 sua primeira *start-up* de visualização de dados. <<http://fallen.io>>

REPORTAJE 360 GRADOS

O jornal colombiano *El País* montou uma equipe especial em 2009 chamada Reportagem 360 graus, que buscava inovar nas narrativas das histórias que contava. Felipe Lloreda, diretor de novos meios, contou que eles faziam "reportagem onde graficamente se podem visualizar as diferentes caras de um assunto". Lá estão algumas experiências em Flash com mapas, incluindo um especial sobre a folha de coca e "Cali, cidade que não dorme", sobre a noite – com acompanhamento do carro que leva mortos para o necrotério na madrugada. <www.elpais.com.co/reportaje360/>

WILDERNESS DOWNTOWN

Esse é na verdade um videoclipe produzido pela equipe do Google com a banda Arcade Fire. É uma narrativa interativa em que você coloca seu endereço – ou qualquer endereço –, o browser monta um vídeo usando o Street View e o personagem do clipe corre pelas ruas que você escolheu. Foi um dos ganhadores em 2011 do prêmio de propaganda em Cannes na categoria Cyber. "Deixar a audiência participar da montagem visual permite maior conexão emocional", diz o diretor Chris Milk. <www.thewilderness-downtown.com>

[Andre Deak] Diretor do Liquid Media Laab, professor de Jornalismo e Publicidade (ESPM) e mestre em Teoria da Comunicação pela USP.